

Ares Medievais – 2001

Encantados castelos
não temos
Encantada fico
Avisando chatêaux
Ares medievais me saúdam
Feiras
comidas sem plástico
Peitos fartos
Brancos
Vestidos, veludos
Alcovas
Amores roubados
O resto neblinas,
melhor esquecer
Sou mulher

Luca Leão

O touro do homem – 2001

Obsceno
Vi numa praça em Paris
Um centauro
Com dois paus
Um do homem
Um do outro / o touro
Gostei muito disso
Abastança
Porém,
estranhas separação
Não fosse em si
O pau,
o touro que vive no homem
Abril 2003.

Luca Leão

Lido por Carla Dias

Madrigal Melancólico
(Antologia Poética – Manuel Bandeira)

O que eu adoro em ti
Não é tua beleza
A beleza, é em nós que ela existe.

A beleza é um conceito.
E a beleza é triste.
Não é triste em ti,
Mas pelo que há nela de fragilidade e de incerteza.

O que eu adoro em ti,
Não é tua inteligência
Não é teu espírito sutil,
Tão ágil, tão luminoso.
- Ave solta no céu matinal da montanha.
Nem é a tua ciência
Do coração dos homens e das coisas.

O que eu adoro em ti,
Não é tua graça musical,
Sucessiva e renovada a cada momento,
Graça aérea como o teu próprio pensamento.
Graça que perturba e satisfaz.

O que eu adoro em ti,
Não é a mãe que já perdi.
Não é a irmã que já perdi.
E meu pai

O que eu adoro em ti em tua natureza
Não é o profundo instinto maternal
Em teu flanco aberto como uma ferida.
Não é tua pureza nem a tua impureza
O que eu adoro em ti – lastima-me e consola-me!
O que eu adoro em ti é a vida.

“ O trem de ferro é uma coisa mecânica,
Mas atravessa a noite, a madrugada, o dia
Virou só sentimento.

“ Eu sempre sonho que uma coisa gera
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba
o que parece estático, espera. Adélia Prado

Trazido por José Faria
Lido por Carla Dias

Não tenho

Veronica Diaz

Não tenho problema
Com as palavras.
Com palavras de minha lavra
Me entretenho
E sem problema
Entretenho as pessoas.
Não são as palavras
Não são as pessoas
O problema.
Entretanto tenho problema
É quando me tenho
Entre as pessoas.
Então não tenho palavras
Não tenho as pessoas
E nem me tenho
Só me contenho
Eu tenho um problema
É a minha pessoa
Que não tenho
Palavra
Tenho um problema:
Eu.

Método

Veronica Diaz

Quando minha pele
Se arrepia
E os longos pêlos dos meus braços
Se eriçam
E o meu corpo
Estremece
Num estranho frenesi
E eu perco o equilíbrio
E quase caio
E me vem
Não sei de onde
Uma infinita vontade de chorar
Sei que ele está perto.
Respiro sua sombra
Sinto sua inexorável presença.
Nervosa
Busco apoios
Reúno materiais
Até que eu mesma
Torno-me sua matéria
Quando
Em divino e gozoso ardor
Deixo que ele me atravesse:
O poema.

Nas mãos de meu avô.

Quando meu avo morreu
Tinha dezessete anos
Eu acho.

Cheguei ao lado dele
E segurei suas mãos.

Tinha mãos firmes
Mas de pele fina
Muito fina.

Não sei como conseguia
Mantê-la assim

As mãos de meu avô
Estavam sempre ocupadas
Com algum instrumento
Ou ferramenta.

As vezes
Eram as seringas
De vidro e metal
Que aplicava habilmente
Em nós todos
E nele mesmo.

Era meu avô que me dava injeção.

Então, pequena
pensava que era médico

Depois soube que era fazendeiro
Mas continuou cuidando dos meus machucados
Com ater
Coisa de médico
Disfarçado de fazendeiro.

Era para não pegar tétano
Dizia.

Na fazenda
Arame enferrujado pra lá
Bosta de vaca pra cá.
“Bosta”
não sei se inventei
ou era dele mesmo.
Me veio
Junto com a impressão.
De que meu avô não falava palavrão.

Pode ser que o “bosta” seja dele mesmo
E minha
Apenas essa impressão.

Injeção, algodão, pazinha de jardim...

Vivia no jardim,
Plantando alguma coisa
O meu avô.

Serrote em punho
Adorava serrar um galho podre.

Quando mais alto o galho
Mais perigosa a queda
E lá ia ele
Adiantar o serviço da gravidade.

Às vezes
Carregava nas costas
Uma pomba de veneno
Pra matar formiga.

“Saúva é praga”
dizia.

No volante do trator
No “chapéu de tartaruga”
Aqueles mãos estavam sempre ocupadas.

Como puderam se manter tão finas?

Talvez fosse a proximidade
Das frutas secas
Figos, damascos
Que tanto amava.

E continuávamos ali
Em casa
Num velório
As mãos dele
Entre as minhas.

Será que estava exagerando
Querendo pegar num morto?

Mas era o meu avô mesmo
As mãos finas de sempre
Confirmavam a suspeita

E se apertasse minhas mãos
Fazendo aqueles barulhos?

Tinha medo do meu avô.

Mas ali,
Não havia mais o medo
Só um carinho
Antiiiiigo
Por aquelas mãos
Finas, tão finas.

Como pode mantê-las assim?

Quem diria que pegavam num fuzil
Atirando em vira-latas?!

Essa cena me aterrorizou a infância

Ele era fazendeiro.
Não era médico?
Dizia que matava o cachorro doente
Cachorro que tava passando fome
Maltratado
Cachorro que o dono não cuidava
Ele matava.

Na sua fazenda não tinha cachorro maltratado
Dizia.

Tive horror e fascínio por meu avô.

Ele tinha uns apitinhos de madeira
Cada qual com um formato diferente
De onde tirava sons curiosos
Lindos, engraçados.

Era o canto dos passarinhos.

Cada apito imitava um tipo de passarinho.
Me avô conhecia os passarinhos
Meu avô imitava os passarinhos.
Meu avô entrava na mata
Atrás dos passarinhos
Ficava fingindo que era um deles
Para atrair o outro
E
Quando o outro chegava
Pra namorar
Meu avô matava.

Matava só os passarões, os comestíveis
Sei lá.

Sempre tive horror e fascínio por me avô.

Nele aprendi
Que mãos
E instrumentos
Formam um par perfeito
Fascinante, assustador.

E continuei ali
Sentindo um pouquinho mais
O suave daquelas mãos...

Lembrando

Tentando guardar bem guardado
Uma coisa que
Até hoje
Não sabia o que era.

Mas acho que descobri!

Sim, descobri
Em meu avô
Que mãos são brinquedos.

Se não tem brinquedo
Para ocupa-las
Ocupam-se de si mesmas
Produzem sons curiosos
Surpreendentes.

Mão junta também com orelha
E outras partes
Estranhas
Do corpo.

E sempre tem um barulho
Engraçado
Que sai dali,

E sempre tinha um riso
Guardado
Pra mim
Nas mãos do meu avô.

O LIVRO DAS IGNORÂÇAS
(Uma didática da invenção)
Manoel de Barros

1) No começo era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde
a criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é a voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos - O verbo tem que pegar delírio.

2) O LIVRO SOBRE O NADA (II)

Prefiro as linhas tortas, como Deus.
Em menino eu
sonhava de ter uma perna mas curta (Só pra poder
andar torto). Eu via a velho farmacêutico de tarde, a
subir a ladeira do beco, torto e deserto...
toc ploc toc ploc. Ele era um destaque.
Seu eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo
haveria de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo
a ladeira do beco toc ploc toc ploc.
Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.

3) MATÉRIA DE POESIA (I)

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia.

O homem que possui um pente
e uma árvore.
serve para poesia.

Terreno de 10x20, sujo de mato - os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia.

Um chevrolé gosmento.
Coleção de besouros abstêmios.
O bule de Braque sem boca
são bons para poesia.

As coisas que não levam a nada
têm grande importância.
Cada coisa ordinária é um elemento de estima.

As coisas sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral.

O que se encontra em ninho de João-Ferreira:
caco de vidro, garampos.
retratos de formatura,
servem demais para poesia

As coisas que não pretendem, como
Por exemplo: pedras que cheiram
água, homens
que atravessam períodos de árvore,
se prestam para poesia.

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde

dos pássaros,
serve para poesia.

As coisas que os líquenes comem
- sapatos, adjetivos -
têm muita importância para os pulmões
da poesia.

Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mijá em cima,
serve para poesia.

Os loucos de água e estandarte
servem demais
O traste é ótimo
O pobre diabo é colosso.

Tudo que explique
o alicate cremoso
e o lodo das estrelas
serve demais da conta

Pessoas desimportantes
dão pra poesia
qualquer pessoa ou escada
tudo que explique
a lagartixa da esteira
e a laminação de sabiás
é muito importante para a poesia

O que é bom para o lixo é bom para a poesia

Importante sobremaneira é a palavra
repositório:
a palavra repositório eu conheço bem:
tem muitas repercussões
como um algibe entupido de silêncio
sabe a destroços

As coisas jogadas fora
têm grande importância

- como um homem jogado fora

Aliás é também objeto de poesia
saber qual o período médio
que um homem jogado fora
pode permanecer na terra sem nascerem
em sua boca as raízes da escória

As coisas sem importância são bens de poesia

Pois é assim que um chevrolé gosmento chega
Ao poema, e andorinhas de junho.

5) A BORRA

Prefiro as palavras obscuras que moram nos
fundos de uma cozinha - tipo borra, latas, cisco.
Do que as palavras que moram nos sodalícios -
tipo excelência, conspícuo, majestade.
Também os meus alter egos são todos borra,
cisco, pobres-diabos.
Que poderiam morar nos fundos de uma cozinha.

- tipo Bola Sete, Mário Pega Sapo, Maria Pelego
Preto etc.

Todos bêbados ou bocós.

E todos condizentes com andrajos.

Um dia alguém me sugeriu que adotasse um
alter ego respeitável - tipo um príncipe, um
almirante, um senador.

Eu perguntei:

Mas quem ficará com os meus abismos se os
pobres-diabos não ficarem?

8) AS LIÇÕES DE R.Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a

Voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

E' preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar - como em

Changall.

Agora é só puxar o alarde do silêncio que eu

Saio por aí a desformar.

Até já inventei mulher de sete peitos para

Fazer vaginação comigo.

11) RUÍNA

Um monge descabelado me disse no caminho:
"Eu queria construir um ruína. Embora eu saiba que ruína
é uma desconstrução. Minha idéia era de fazer
alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que
servisse para abrigar o abandono, como as taperas
abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um
homem debaixo da ponte, mas pode ser também de
um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo.
O abandono pode ser também de uma expressão
que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma
palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro.
(O olho do monge estava perto de ser um canto).
Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor
está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria
construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela
renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer
de um monturo". E o monge se calou descabelado.

Poesias ouvidas ao redor do fogo em 07/07/07